

Gilson Luiz Maia

O DISCÍPULO AMADO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Maia, Gilson Luiz

O discípulo amado / Gilson Luiz Maia. – São Paulo: Paulinas, 2021.

112 p. (Ensina-nos a rezar)

Bibliografia

ISBN 978-65-5808-093-0

1. Bíblia. N.T. João - Estudo e ensino 2. Catequese I. Título
II. Série

21-3047

CDD - 226.507

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia. N.T. João – Estudo e ensino 226.507

1ª edição – 2021

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e*
Antonio Francisco Lelo

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegare Neto*

Capa e projeto gráfico: *Tiago Filu*

Imagem de capa: *Pintura do século XIX, Igreja St. Michaels,*
Leuven, Bélgica. depositphotos.com/@sedmal

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2021

A meus irmãos, discípulos amados do Senhor.

À família Rogate.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	13
A IDENTIDADE E O AMBIENTE DO DISCÍPULO AMADO.....	19
A atmosfera do Quarto Evangelho	21
O discípulo predileto do Senhor	23
Na escola de Jesus	26
Discípulos missionários ao sopro do Espírito Santo.....	31
DO TESTEMUNHO DE JOÃO BATISTA AO SEGUIMENTO DE JESUS.....	35
O novo mestre do Discípulo Amado.....	37
Discípulos e testemunhas do Verbo feito carne.....	40
O AMIGO DO PEITO DE JESUS.....	45
Intimidade e confiança com o Mestre	47
Jesus lava os pés dos discípulos.....	49
NA CASA DO SUMO SACERDOTE	55
Fidelidade e riscos no discipulado	57
O Discípulo Amado e Pedro, dois modelos de Igreja.....	59
O DISCÍPULO AMADO AO PÉ DA CRUZ	63
A maternidade espiritual de Maria	65
A fidelidade das mulheres ao Crucificado	67
O DOM DA FÉ, “VIU E CREU”	71
O testemunho de Maria Madalena.....	72

A experiência pascal dos discípulos.....	75
Crer e amar.....	77
OS PESCADORES DA GALILEIA, TESTEMUNHAS	
DO RESSUSCITADO.....	79
Pescadores e missionários	81
Do testemunho do profeta àquele do Discípulo Amado	84
A COMUNIDADE DO DISCÍPULO AMADO	87
Esperança e desafios	91
O rebanho do Senhor	93
Do Discípulo Amado ao discípulo interior.....	95
CONCLUSÃO.....	99
BIBLIOGRAFIA	105

PREFÁCIO

O mistério que envolve a figura do “Discípulo Amado” no Quarto Evangelho marcou a história da exegese joanina. Além das dificuldades de sua identificação (o jovem filho de Zebedeu, irmão de Tiago; a mesma pessoa de Lázaro; discípulo de origem dos saduceus etc.), a figura do “Discípulo Amado” foi aprofundada em seu aspecto simbólico, espiritual e vocacional.

Em seu conhecido comentário, R. Schnackenburg dedica um capítulo inteiro à questão histórico-literária do discípulo (cf. SCHNACKENBURG, R. *Il Vangelo di Giovanni*, Brescia: Paideia, 1982. v. III, p. 623-644), elencando as discussões e as hipóteses que foram apresentadas pelos principais autores. Sem pretender resolver os complexos problemas levantados pela pesquisa científica, a obra de Pe. Gilson Luiz Maia, RCI, pretende propor um itinerário pontual que combine o estudo bíblico com a atualização da mensagem para a vida espiritual e a prática pastoral.

Perguntamo-nos o que o estudo do “Discípulo Amado” pode oferecer hoje, neste tempo de provação e insegurança? A resposta que o autor oferece em sua análise é iluminante, por pelo menos três razões.

A primeira razão é dada pela *intencionalidade teológica* que está na base de seu estudo, solidamente alicerçado na competência bíblica e pedagógica. A leitura do Quarto Evangelho, com um estudo aprofundado das etapas que caracterizam a apresentação

do “Discípulo Amado”, representa o ponto de partida para reler a história inspirada e deixar-se guiar por sua força de atração e educativa. A tarefa de uma “teologia bíblica” consiste em favorecer uma adequada mediação entre o mistério de Deus que se comunica e a realidade concreta de cada pessoa que escuta a sua Palavra e se abre à esperança.

A segunda razão é representada pela tonalidade antropológica que acompanha cada capítulo deste livro. Retraçando a figura do “Discípulo Amado”, o autor ajuda-nos a redescobrir as expectativas e o empenho dos jovens, famílias, mulheres e homens do nosso tempo. Do testemunho de João Batista à experiência do Getsêmani, da cruz e do túmulo vazio, até ao encontro com o Ressuscitado no lago de Genesaré, o leitor pode aprender e interiorizar os traços do seu próprio percurso interior. O “Discípulo Amado” é aquele que descobre, segue e se envolve sem medo na aventura com Cristo, mesmo em meio a dificuldades, solidão e traições de seus amigos. Ele se apresenta como o modelo de amigo que sabe fixar o seu coração no coração de Cristo e sabe acolher a Mãe do Senhor no seu abraço.

A terceira razão é constituída pelo dinamismo eclesial e pastoral que emerge da leitura destas páginas, tão simples e profundas. Os textos joaninos são comentados com a razão científica e com o coração de pastor, que serve à Palavra de salvação. O dinamismo eclesial é fruto da ação do Espírito Santo, que o Ressuscitado derrama sobre os discípulos no Cenáculo, no dia da Páscoa. Ao percorrer a história do “Discípulo Amado”, Pe. Gilson Luiz Maia dirige com insistência a sua reflexão sobre a dimensão eclesial da fé e sobre o seu compromisso histórico. O dinamismo espiritual que transparece do livro implica uma resposta existencial e vocacional.

O DISCÍPULO AMADO

Agradecemos ao Pe. Gilson Luiz Maia por este dom, cuja eficácia se traduz em um empenho a serviço do povo de Deus e do “Evangelho da Vocação”, que somos chamados a acolher e a testemunhar.

Giuseppe De Virgilio

Professor de Novo Testamento e Teologia Bíblica

Pontifícia Universidade da Santa Cruz – Roma

INTRODUÇÃO

*Se alguém tem sede, venha a mim,
e beba quem crê em mim. Conforme diz a Escritura:
“Do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7,37).*

O Quarto Evangelho, também conhecido como Evangelho de João, não é uma biografia de Jesus, mas testemunho e interpretação de sua pessoa e de sua obra, memória e meditação amadurecida no seio da comunidade joanina, discípula do Bom Pastor, a “porta” pela qual devemos passar para chegar à plena comunhão com o Pai (cf. Jo 10,7).¹ Por essa “porta” passou o Discípulo Amado, personagem exclusivo e exemplar do Quarto Evangelho, chamado à intimidade da vida em Deus.²

O anônimo Discípulo Amado de Jesus, segundo uma antiga tradição, é o apóstolo e evangelista João. Seu Evangelho é um testemunho direto, uma profunda experiência de vida com Jesus Cristo, o Verbo de Deus que armou a sua tenda no meio

¹ Para os textos bíblicos, utilizamos a tradução oficial da Conferência Episcopal do Brasil. Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*. Tradução oficial da CNBB. 1. ed. Brasília, 2018. As traduções de trechos de obras estrangeiras são livres.

² Claro que o Discípulo Amado foi idealizado pelo evangelista, mas isso não contradiz o fato de ele ter sido um personagem histórico mais próximo de Jesus que os demais seguidores. Cf. BROWN, R. E. *La comunidad del Discípulo Amado*. Salamanca: Sígueme, 2016. p. 32.

de nós (cf. Jo 1,14; 21,24; 1Jo 1,1-3). Nesta reflexão, ele indica o discípulo interior que está em cada um de nós. Trata-se da semente do homem novo, chamada a germinar em todas as pessoas e nas comunidades. É a presença da graça que nos move para o Pai. À luz do Espírito Santo, que o autor do Quarto Evangelho nos apresenta como o “Paráclito – o defensor”, vamos despertar e favorecer o crescimento do Discípulo Amado em nós e dentro das comunidades chamadas à comunhão com a Santíssima Trindade. Ele é expressão de nossa busca pelo Absoluto, dessa sede de “água viva” que nos recorda o encontro e o diálogo de Jesus com a mulher samaritana à beira do poço de Jacó, único na região e existente até os nossos dias (cf. Jo 1,1-42). Ali, na beira do poço, vemos a sede de Jesus e a sede da samaritana. É a mesma sede do autor do Quarto Evangelho, que, nos lábios de Filipe, pede para o Mestre: “Senhor, mostra-nos o Pai, isso nos basta!” (Jo 14,8). Sob o influxo do Espírito Santo, somos chamados a beber a água da verdade, a água da palavra de Jesus (cf. Jo 7,37-38). É o Espírito Santo que trabalha no ser humano e nas comunidades chamadas a acolherem o Verbo de Deus feito carne: Jesus, o Cristo de Deus.

Ainda no prólogo do Evangelho, João, o Discípulo Amado, nos deixou a primeira pista para encontrarmos o Pai: “A Deus, ninguém jamais viu. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, foi quem o revelou” (Jo 1,18). Jesus Cristo é Deus visível, o Verbo encarnado, o Senhor próximo e ao alcance de todos. Nele, Deus veio nos encontrar, mesmo se muitas vezes o nosso coração está de portas fechadas, como os discípulos no Cenáculo de Jerusalém, na festa de Pentecostes (cf. Jo 20,19-23; At 2,1-13). Ele, no seu caminho histórico, que culminou na cruz onde entregou a vida, no

início de seu ministério, fez um convite ao Discípulo Amado, que alcança cada um de nós e a comunidade inteira: “Vinde e vereis!” (Jo 1,39). Dentro de nós, no mais profundo de nosso ser, ecoa, mesmo se o coração trai igual a Judas ou vacila como Pedro nas sucessivas negações, o chamado do Mestre que se apresenta a nós: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6).

Em cada pessoa humana, no mais íntimo do seu ser, há um discípulo, mais ou menos aberto para Deus, que se revela em Jesus, “o Filho unigênito que está no seio do Pai” (Jo 1,14). Com ele, somos a comunidade humana que tende para o Criador. O Discípulo Amado, que nesta reflexão sinaliza o discípulo interior em nós, não é uma ilha solitária no oceano. Ele vive em relação com os outros – a comunidade menor, a família, ou ampliada, a Igreja –, diante dos quais confirmamos a nossa identidade e, aos poucos, vamos nos moldando ao Mestre, que atrai todos para si (cf. Jo 12,32).

Hoje, João, o Discípulo Amado, repete para nós o que escreveu à sua comunidade, a Igreja nascente, ainda nos seus primeiros passos missionários:

Ninguém jamais viu a Deus. Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e seu amor em nós é consumado. Nisto conhecemos que permanecemos nele e ele em nós: ele nos deu do seu Espírito. E nós vimos, e damos testemunho: o Pai enviou seu Filho como Salvador do mundo. Todo aquele que confessa que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus. E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus tem para conosco. Deus é amor: quem permanece no amor, permanece em Deus, e Deus permanece nele (1Jo 4,12-16).

Tudo isso é chamado, é convite de Deus, é a vocação de cada ser humano, que traz dentro, talvez ainda adormecido, um Discípulo Amado de Jesus, o Cristo Ressuscitado.

A reflexão que apresentamos nesta obra se divide em oito capítulos e, no seu conjunto, nos permite conhecer um pouco mais do Quarto Evangelho e do apóstolo João, o Discípulo Amado do Senhor. Nos dois primeiros capítulos, apresentaremos o ambiente do Quarto Evangelho e os principais traços da identidade do Discípulo Amado, que, diante da indicação de João Batista, foi atrás de Jesus, acolheu o convite do Mestre e permaneceu com ele (cf. Jo 1,35-51). Nos capítulos seguintes, vamos percorrer todas as passagens do Evangelho de João em que encontramos o Discípulo Amado com suas experiências, inquietudes e esperanças (cf. Jo 13,23-26; 18,15-16; 19,25-27; 20,1-9; 21,7.20.23.24). Propomo-nos a observar cada uma das cenas para conhecer um pouco mais desse seguidor exemplar de Jesus, no qual se espelha o nosso discípulo interior e as comunidades. No último capítulo refletiremos sobre a comunidade do Discípulo Amado, seus desafios e horizontes. Na conclusão retomaremos os principais temas da reflexão desenvolvida ao longo dos capítulos e apresentaremos alguns comentários e pistas pastorais para os discípulos da atualidade e sua ação evangelizadora nas comunidades.

Esperamos que esta peregrinação pelo Quarto Evangelho, atribuído ao apóstolo João e conhecido como “Evangelho espiritual”, nos ajude a amadurecer ainda mais na fé, a amar mais e a sermos autênticas testemunhas do Cristo Ressuscitado no meio do mundo, que, mesmo sem saber, tem tanta sede de Deus e,

muitas vezes, apesar dessa inquietação e busca de plenitude, o procura por caminhos errados.³

Vamos peregrinar juntos pelas páginas do Quarto Evangelho, encontrar e conhecer o Discípulo Amado, e com ele trilhar os passos de Jesus, o Filho de Deus, que revela o Pai e com ele possui a glória antes que o mundo fosse criado (cf. Jo 8,58). Nesse Evangelho, a ênfase não está na Igreja, termo inexistente em João, e tampouco nos doze apóstolos ou na figura de Pedro, mas no encontro, no seguimento e na fidelidade à pessoa de Jesus, o Cristo de Deus, o único apóstolo enviado do Pai, o “Salvador do mundo” (cf. Jo 4,42).

³ Confira o comentário do Papa Francisco sobre a inquietação do coração humano na sua busca por plenitude e sede de Deus. Disponível em: https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-nosso-coracao-mesmo-sem-saber-tem-sede-de-deus-53331?fbclid=IwAR36VPofbJQuh1B-1Iv30mSYkv-QlGOi_SZMjanP-xDJc_77Dx1pex6lXghw.

A IDENTIDADE E O AMBIENTE DO DISCÍPULO AMADO

*Um dos seus discípulos, aquele a quem Jesus amava,
estava reclinado no seio de Jesus (Jo 13,23).*

No Evangelho de João, encontramos a figura exemplar do “Discípulo Amado”, que também é apresentado com outras expressões, como: “o outro discípulo” e “o discípulo que Jesus amava”.¹ Segundo a tradição da Igreja, o personagem misterioso do Discípulo Amado aponta para a figura de um jovem seguidor de Jesus, identificado como João – nome hebraico que significa “o Senhor dá a graça/misericórdia” –, filho de Zebedeu e Salomé,

¹ O Discípulo Amado aparece em: Jo 13,23-26; 18,15-16; 19,25-27; 20,1-9; 21,7.20.23.24. O Quarto Evangelho se divide em duas grandes partes, precedidas pelo prólogo (Jo 1,1-18) e seguidas de um suplemento (Jo 21). Na primeira parte, conhecida como “Livro dos Sinais” (Jo 1,19–12,50), Jesus se manifesta a Israel e ao mundo mediante sete sinais. Na segunda parte do Evangelho, denominada “Livro da Hora” (Jo 13–20), temos a revelação particular de Jesus aos discípulos e a revelação suprema da chegada de sua hora, a Páscoa. No início desta segunda parte, que começa com a última ceia e o lava-pés, o Discípulo Amado é mencionado pela primeira vez (cf. Jo 13,23-26). Sobre o esquema geral do Evangelho e a subdivisão das partes, cf. BROWN, R. E. *Giovanni*. Assisi: Cittadella Editrice, 2020. p. CLXXVII-CLXXXV.

autor do Quarto Evangelho, de três Cartas e do Apocalipse. Essas cinco obras, no seu conjunto, formam o denominado “*corpus joanino*” ou a “literatura joanina”.

De acordo com a tradição, João, o Discípulo Amado de Jesus, apóstolo e evangelista, nasceu na pequena vila de Betsaida, de uma família de pescadores, junto ao mar da Galileia, e foi testemunha ocular dos fatos que narrou. Ele e seu irmão Tiago eram amigos, talvez até sócios, de outros dois irmãos, Pedro e André, proprietários de uma pequena empresa pesqueira e os primeiros discípulos de Jesus (cf. Jo 1,35-51). João faleceu na cidade de Éfeso (Turquia) com aproximadamente 94 anos de idade e foi o único apóstolo de Jesus poupado da coroa do martírio. Sua memória é celebrada na liturgia da Igreja no dia 27 de dezembro.

São João, apóstolo e evangelista, filho de Zebedeu (Mc 1,20; Mt 4,21), irmão de Tiago (Lc 5,10), o Maior, discípulo de João Batista (Jo 1,35-41), foi um dos primeiros a passar para o seguimento de Jesus. É o discípulo predileto que, na última ceia, reclinou a cabeça no peito de Jesus (Jo 13,23-25). Testemunha da transfiguração (Mt 17,1) e da agonia do Senhor (Mc 14,33), está presente ao pé da cruz, onde Jesus lhe confia a Mãe (Jo 19,26-27). Junto com Pedro, viu o sepulcro vazio e acreditou na ressurreição do Senhor (Jo 20,1-9). Evangelista teólogo, penetra profundamente o mistério do Verbo feito homem, cheio de graça e de verdade (Jo 1,1-14). Na primeira carta, cume de toda a teologia sapiencial, dá-nos a mais alta definição da divindade: Deus é amor (1Jo 4,8). Exilado na ilha de Patmos, foi arrebatado em êxtase no dia do Senhor (Ap 1,9-10) e teve as visões que descreveu no Apocalipse, último livro do Novo Testamento.²

² MISSAL ROMANO. São Paulo: Vozes/Paulinas, 1993. p. 709.

A ATMOSFERA DO QUARTO EVANGELHO

O ambiente do Quarto Evangelho foi a cosmopolita cidade de Éfeso, na Ásia Menor, marcada pela riqueza de múltiplas culturas e com uma significativa presença de judeus. Diferentemente dos Evangelhos sinóticos, onde percebemos, especialmente pela linguagem, um ambiente rural, no Evangelho do Discípulo Amado notamos o clima urbano dessa importante cidade portuária. Santo Irineu, Bispo de Lião, martirizado por volta do ano 202 d.C., discípulo de Policarpo, que foi discípulo do apóstolo João, escreveu: “João, o discípulo do Senhor, aquele que reclinou sobre o seu peito, escreveu também o Evangelho durante a sua permanência em Éfeso”.³

A comunidade joanina, inicialmente formada por judeus convertidos à fé em Jesus Cristo, migrou para Éfeso devido às crescentes dificuldades com os fariseus, que rejeitaram o messianismo de Jesus, e também por causa da perseguição romana, que culminou com a destruição de Jerusalém no ano 70. Em Éfeso, cruzaram as duas maiores tradições teológicas e bíblicas do Novo Testamento, com seus expoentes: Paulo e João. Nessa cidade polêmica e desafiadora, o Discípulo Amado e os demais seguidores de Jesus foram chamados a testemunhar o Evangelho com a sua força missionária.

Mesmo com essas informações, encontramos dificuldades para assegurar a identidade do Discípulo Amado e identificá-lo com um dos Doze apóstolos de Jesus, João, que, segundo Paulo, foi uma das colunas da “Igreja mãe” de Jerusalém ao lado de

³ Cf. *Adversus Haereses*, III, 1,1 (Contra as heresias).

Pedro e Tiago (cf. Gl 2,9).⁴ O tema da identidade do autor do Quarto Evangelho, ou dos autores do “*corpus* joanino” e do Discípulo Amado, permanece em aberto e os especialistas deparam-se com vários problemas para reconhecê-lo no grupo dos Doze apóstolos de Jesus.

No Quarto Evangelho, a palavra “apóstolo” aparece apenas uma vez e no sentido comum de “enviado”. O termo “Doze” também é pouco utilizado pelo evangelista. João não apresenta a lista dos Doze apóstolos conforme os sinóticos (cf. Mt 10,1-4; Mc 3,13-19; Lc 6,12-16), mas destaca a figura do Discípulo Amado, que quase sempre aparece junto e em contraste com Pedro, o porta-voz das Igrejas apostólicas. De qualquer maneira, a tradição, apoiada em algumas passagens do Evangelho e nos antigos escritores cristãos, atribuiu ao Discípulo Amado a autoria do Quarto Evangelho.

Alguns biblistas sugeriram que o Discípulo Amado pudesse ser Lázaro, pois o evangelista afirma que Jesus o amava e chorou a sua morte (cf. Jo 11,36). Outros pensaram no jovem rico, que aparece no Evangelho de Marcos: “Jesus, então, olhou bem para ele, com amor, e disse...” (Mc 10,21). Segundo os Evangelhos gnósticos, o Discípulo Amado era Maria Madalena, a discipula predileta do Senhor. Tal hipótese contradiz o texto que

⁴ Bruno Forte observa que, do ponto de vista histórico, o Discípulo Amado é Pedro, Tiago ou João. Estes são os três mais íntimos de Jesus. Não é Pedro, porque ele vai com o discípulo que Jesus amava ao túmulo, logo depois de receberem o anúncio de Maria Madalena no amanhecer do primeiro dia da semana (cf. Jo 20,1-9). Não pode ser Tiago porque ele foi morto pelo rei Herodes por volta do ano 44 d.C. (cf. At 12,2). Então, só pode ser João, conforme atesta Irineu. Cf. FORTE, B. *L'amore che salva nel Quarto Vangelo*. Esercizi spirituali per tutti. Milano: San Paolo, 2015. p. 9-10.

meditamos na Páscoa (cf. Jo 20,1-9). A questão da identidade do Discípulo Amado, bem como a existência de outro João, o “Presbítero”, também residente em Éfeso, ou de quem fez a última redação do Quarto Evangelho e demais textos da literatura joanina, segue indefinida.⁵ Provavelmente, o Evangelho passou por sucessivas etapas de elaboração no interior da “escola joanina”. Percebe-se que o autor conhecia muito bem os usos e os costumes do judaísmo da Palestina e tinha certa afinidade com o helenismo.⁶

O DISCÍPULO PREDILETO DO SENHOR

O personagem designado com a expressão “Discípulo Amado” é uma exclusividade do Quarto Evangelho. Parece provocador, e até estranho, dizer que um dos discípulos do Senhor fosse mais amado que os outros.⁷ Dá-se a impressão, que Jesus privilegiava um discípulo deixando os demais em segundo plano. Na realidade, o autor do Quarto Evangelho encontra no Discípulo Amado não uma pessoa específica, mas todos que conservam a memória do apóstolo João, seu testemunho e seus ensinamentos,

⁵ Sobre a presença de João, filho de Zebedeu, na cidade de Éfeso, conforme indica Santo Irineu, cf. BROWN, R. E. *Giovanni*, p. CXII-CXVIII.

⁶ O Quarto Evangelho nasceu na Palestina, teve um período intermediário na Síria e a sua redação definitiva, na Ásia Menor. Cf. SCHNACKENBURG, R. *Il Vangelo di Giovanni*: commentario teologico del Nuovo Testamento. Brescia: Paideia, 1973. Parte I, p. 72-92.

⁷ A relação de Jesus com o Discípulo Amado assemelha-se à amizade do Mestre com Marta, Maria e Lázaro, que representam uma comunidade do Senhor (cf. Jo 11,5). Cf. MATEOS, J.; BARRETO, J. *Il Vangelo di Giovanni*: analisi linguística e commento exegético. Assisi: Cittadella Editrice, 1982. p. 569.

cimentados na base dessa antiga comunidade cristã conhecida como “comunidade joanina”.⁸

A expressão “Discípulo Amado” é uma clara referência ao personagem exemplar do Evangelho de João, que testemunhou a paixão, morte e ressurreição do Filho de Deus.⁹ Foi ele quem se inclinou no peito do Mestre para indagar sobre a identidade do traidor depois do lava-pés realizado por Jesus durante a última ceia (cf. Jo 13,23-26). O Discípulo Amado também esteve com Pedro na casa do sumo sacerdote Caifás, logo após a prisão de Jesus (cf. Jo 18,15-16), e permaneceu com Maria ao pé da cruz no Calvário (cf. Jo 19,25-27). Foi o Discípulo Amado que “viu e creu” ao entrar no túmulo vazio (cf. Jo 20,8), reconheceu “o Senhor” na pesca milagrosa, além de estar próximo a Pedro no final do Quarto Evangelho (cf. Jo 21,7-20.23.24).

A anônima figura do Discípulo Amado, que quase sempre aparece ao lado de Pedro e contrasta também com as figuras de Tomé, Filipe, Maria Madalena, Judas Iscariotes e outros personagens do Evangelho, extrapola a sua individualidade e aponta para uma realidade coletiva: a comunidade dos fiéis e amados

⁸ Neste trabalho usaremos a expressão “comunidade do Discípulo Amado” ou “comunidade joanina”, para indicar todas as comunidades fundadas pelos discípulos de Jesus a partir da herança oral e escrita da “escola joanina”.

⁹ Sobre a identidade do discípulo predileto de Jesus, Santo Agostinho comentou: “Mas o que isso significa: aquele a quem Jesus amava? Como se Jesus não amasse os outros, dos quais até o próprio João disse: ‘Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim’ (Jo 13,1). E o próprio Senhor diz: ‘Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos’ (Jo 15,13). E quem poderia citar todos os testemunhos das páginas divinas, nas quais é demonstrado que o Senhor Jesus ama não apenas João e os discípulos que estavam com ele, mas também todos os futuros membros de seu corpo, ou seja, toda a Igreja?” (*Omelia* 61, n. 5). Disponível em: https://www.augustinus.it/italiano/commento_vsg/index2.htm.

seguidores de Jesus Cristo, com suas virtudes e fragilidades.¹⁰ Diante destes personagens do Quarto Evangelho, somos chamados a nos confrontar, como pessoa ou enquanto comunidade de fé, e a refletir sobre a nossa adesão ao Filho de Deus. Se o Discípulo Amado – um modelo positivo – é aquele que, antes de Pedro, “viu e creu” na ressurreição, ao adentrar no túmulo vazio, e foi o primeiro a reconhecer o Senhor na pesca milagrosa, o evangelista também nos confronta com Judas, que traiu o Mestre, com Nicodemos, Tomé e outros. Importa chegarmos à maturidade da fé e crer “que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (Jo 20,31).

O Discípulo Amado, que nesta reflexão identificamos com o discípulo interior em nós e nas comunidades, cultivou uma relação pessoal com Jesus, que nos revelou o Pai.¹¹ Na manifestação, na graça da descoberta do discípulo em nós, fruto da ação do Espírito Santo, vemos despertar e crescer um vínculo que nos une cada vez mais a Cristo (cf. Rm 8,26-27). Esse é o caminho de

¹⁰ O autor do Quarto Evangelho pensa coletivamente, como vemos no simbolismo do pastor do rebanho (cf. Jo 10,11-21) e da vinha (cf. Jo 15,1-17). Mas, de modo muito original, ele também valoriza o encontro e a relação individual de cada pessoa com Jesus Cristo. Cf. BROWN, R. E. *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 106-107.

¹¹ Clemente de Alexandria (150-215) chamava o Quarto Evangelho de espiritual e místico exatamente por apresentar Jesus como aquele que nos revela o Pai (cf. Jo 14,8-14). A expressão “Evangelho Espiritual” indica o sentido profundo do Quarto Evangelho, e não um simples atributo emocional. Os demais Evangelhos são “corporais”. Carlos Mesters, comentando sobre a realidade de cada Evangelho, afirmou: “Enquanto os sinóticos tiram uma fotografia de Jesus, o Quarto Evangelho tira um raio-x, revelando o seu sentido mais profundo e divino”. Cf. MESTERS, C.; OROFINO, F.; LOPES, M. *Raio X da vida: círculos bíblicos do Evangelho de João*. São Leopoldo: CEBI, 2000. p. 16.

amadurecimento do discipulado, que pouco a pouco floresce e molda o nosso coração, até configurarmos ao Filho, desde a plataforma da comunidade de fé, a Igreja.¹²

NA ESCOLA DE JESUS

O Novo Testamento reserva o termo “discípulo” às pessoas que seguem Jesus e o reconhecem como Filho de Deus, Messias e Mestre de Israel. Nos Evangelhos, Jesus é chamado de Mestre, Rabi ou *Rabbouni*. Ele é o Mestre divino que subiu ao Templo de Jerusalém para ensinar a doutrina recebida do Pai e apontou para nós o caminho da vida e da salvação. O autor do Quarto Evangelho deixa claro que Jesus é o verdadeiro Mestre de Israel e sua mensagem impressiona a todos, inclusive as autoridades do povo: “Jesus subiu ao templo e começou a ensinar. Admirados, os judeus comentavam: ‘Como ele é tão letrado, sem ter recebido instrução?’ Jesus respondeu: ‘O meu ensinamento não é meu, mas daquele que me enviou’” (cf. Jo 7,14-16).¹³

¹² O Cardeal Martini apontou três ciclos no caminho da maturidade cristã. O primeiro ciclo é para os iniciantes catecúmenos em preparação para o Batismo (Evangelho de Marcos). O ciclo intermediário trata de uma catequese sobre a missão dos cristãos e da Igreja na sociedade (Evangelho de Mateus, Lucas e Atos dos Apóstolos). O terceiro ciclo conduz à formação mística do cristão interior e sua familiaridade com o mistério de Deus (Evangelho de João). Cf. MARTINI, C. M. *Il Vangelo secondo Giovanni*. Citta di Castello: Borla, 1981. p. 12-16.

¹³ Ao longo do caminho do povo de Deus, apareceram muitos mestres e doutores da Lei que colocavam a vida a serviço do estudo da Torá e dos profetas. Moisés foi o primeiro mestre a sentar-se na “cátetra” para orientar os filhos de Deus (cf. Mt 23,2). As escolas eram comunidades de discípulos em torno dos mestres que desfrutavam de prestígio. Os jovens se filiavam voluntariamente a uma determinada escola e as mulheres não podiam participar.

Diferentemente das escolas e dos mestres do judaísmo, Deus é quem dá a Jesus os seus discípulos: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair” (cf. Jo 6,39.44; 10,29; 17,6.12). Para ser discípulo de Jesus, a pessoa deveria ter a coragem de moldar a própria vida à conduta do Mestre, a romper com o passado – “nascer de novo”, testemunhar e anunciar o Evangelho com liberdade e desapego de si mesmo, dos bens e de tantas outras realidades (cf. Jo 3,3). Os laços de sangue, parentesco, o fato de ser conterrâneo de Jesus ou as qualidades intelectuais e até morais não eram levados em conta para tornar-se discípulo do Verbo, o Mestre que fascinou o Discípulo Amado e nos revelou o Pai. O número de discípulos de Jesus tendia a crescer dia a dia, mas muitos se retiravam diante da radicalidade do Mestre, que não negociava os valores do Evangelho (cf. Jo 6,51.66-67).

Jesus não foi um fariseu dissidente que competia com os mestres judeus e os superava na originalidade de suas parábolas e na profundidade da sua mensagem. Tampouco podemos equipará-lo aos antigos mestres, como Platão ou ao velho Sócrates, com suas provocadoras perguntas aos jovens atenienses. Ambos os sábios eram figuras conhecidas no ambiente da cosmopolita cidade de Éfeso. Jesus é o Filho de Deus, o Verbo encarnado, que o autor do Quarto Evangelho faz questão de nos apresentar como: “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Jesus não foi um mestre do “caminho” no sentido de um guia moral, como aparece no Antigo Testamento (cf. Sl 86,11; Sb 5,6), mas é “o caminho” porque nos revela o Pai – “Eu estou no Pai e o

Quando terminava a formação, os discípulos deixavam a escola e se convertiam em escribas ou até mesmo em novos mestres. Cf. LÉON-DUFOUR, X. Discípulo. In: *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 240-243.

Pai está em mim” (Jo 14,11). Ele também não é um mestre da verdade, mas é “a verdade” do Pai: “Eu nasci e vim ao mundo para isto: para dar testemunho da verdade” (Jo 18,37). Jesus é a “vida”, que chega até nós por meio dele. Aqueles que creem que Jesus é a revelação encarnada do Pai – esta é a verdade – recebem o dom da “vida” em Deus. Ele veio para “que todos tenham vida em abundância” e suas palavras são “Espírito e Vida” (cf. Jo 6,63; 10,10).¹⁴

A escola de Jesus não é do tipo rabínico e tampouco se assemelha ao modelo dos doutores da Lei. Não se trata de assimilar a Torá ou aprender uma doutrina, mas de conhecer o Filho enviado do Pai. Diferentemente das escolas dos rabinos, Jesus é quem chama as pessoas para o discipulado: “Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi e vos designei, para irdes e produzirdes fruto, e para que o vosso fruto permaneça” (Jo 15,16). O que caracteriza e identifica os discípulos de Jesus é a vivência cotidiana do mandamento do amor: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns para com os outros” (Jo 13,35). Se os discípulos dos doutores da Lei, uma vez instruídos, podiam separar-se de seu mestre e fundar uma nova escola, os discípulos de Jesus não chegam a uma “graduação”, mas serão discípulos para sempre (cf. Jo 13,13-15). Pois não se trata de aprender uma doutrina e graduar-se, mas de cultivar um profundo vínculo à pessoa de Jesus, conforme o testemunho do Discípulo Amado, que se matriculou na escola do Mestre da Galileia. Para o autor do Quarto Evangelho, o discipulado acontece a partir do encontro e da experiência de fé em Jesus Cristo. Segundo o Evangelho do Discípulo Amado,

¹⁴ Cf. BROWN, R. E. *Giovanni*, p. 755-761.

“crer” e “seguir” são expressões que sintetizam e sustentam o discipulado. À luz do Espírito Santo, o discípulo encontra, segue, escuta e acolhe a palavra de Jesus, e, no amor do Mestre, reconhece o amor e a presença do Pai.¹⁵

Os discípulos de Jesus são chamados a compartilhar o destino do Mestre, a experimentar do seu cálice e a fazer a experiência da cruz (cf. Mc 8,34; 10,38; Lc 22,28ss; Jo 14,3). É importante observar que o tema do discipulado de Jesus não se compreende fora do contexto da cruz, quando o “grão de trigo”, que cai na terra, morre e produz frutos: “Quem ama a sua vida, perde-a; mas quem se desapega de sua vida neste mundo, há de guardá-la para a vida eterna. Se alguém quer me servir, siga-me, e onde eu estiver, estará também aquele que me serve. Se alguém me serve, meu Pai o honrará” (Jo 12,25-26). A missão de Jesus e dos discípulos consiste em produzir frutos de vida. No entanto, não se pode produzir vida sem oferecer a própria, como assinala a metáfora do grão de trigo.¹⁶

Nos Evangelhos, encontramos os discípulos itinerantes de Jesus e outros residentes, como Lázaro, Maria e Marta (cf. Jo 11,1-44). Havia também os discípulos “secretos”, como o fariseu Nicodemos e o notável José de Arimateia (cf. Jo 19,38.39). Em todo o Novo Testamento, os seguidores de Jesus aparecem como discípulos missionários. Se, nos Evangelhos sinóticos, temos o imperativo do Ressuscitado, que envia todos com a missão de fazer novos discípulos: “Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos,

¹⁵ Cf. DE VIRGILIO, G. *Teologia Biblica del Nuovo Testamento*. Padova: Messaggero, 2016. p. 484. Id. *La fatica di scegliere: profili biblici per il discernimento vocazionale*. Roma: Rogate, 2010. p. 283-323.

¹⁶ Cf. MATEOS, J.; BARRETO, J. *Il Vangelo di Giovanni*. p. 521-525.

batizando-os...” (Mt 28,19); e se Paulo, apóstolo de Jesus, afirmou que fez muitos discípulos durante a sua viagem missionária (cf. At 14,21), no Quarto Evangelho, o Ressuscitado também nos envia para a missão à luz do Espírito Santo de Deus: “Como o Pai me enviou, eu também vos envio”. Dito isso, soprou sobre eles e falou: “Recebei o Espírito Santo...” (Jo 20,21-23).

O Discípulo Amado e os demais seguidores de Jesus são assistidos pelo Espírito Santo. Jesus disse aos discípulos que pediria ao Pai para lhes enviar o Espírito Santo: “Eu pedirei ao Pai, e ele vos dará um outro Paráclito, para que permaneça sempre convosco: o Espírito da Verdade, que o mundo não é capaz de receber...” (cf. Jo 14,16.18). João é o único evangelista a chamar o Espírito Santo de Deus com o termo “Paráclito” (cf. Jo 14,16.26; 15,26; 16,7; 1Jo 2,1). Na Sagrada Escritura, de maneira geral, o Espírito Santo atua no interior das pessoas e nas comunidades, impulsionando-as para determinada ação. No Quarto Evangelho, além dessa realidade que aparece no Antigo e no Novo Testamento, encontramos uma situação particular quando o autor utiliza o termo “Paráclito”, traduzido por São Jerônimo como “advogado”, “defensor”. O termo “Paráclito” permite e assinala uma relação pessoal com o Espírito Santo. No Evangelho do Discípulo Amado, o nome próprio do Espírito Santo é “Paráclito”. Dessa maneira, o Espírito abandona a esfera do abstrato para se aproximar e se relacionar com o Discípulo Amado – conosco – e com a comunidade inteira, em uma relação interpessoal (pessoa – pessoa).

Jesus é o primeiro Paráclito, o primeiro defensor de cada um dos discípulos e da comunidade. Mas ele pedirá ao Pai para enviar “um outro Paráclito”, que defenderá os discípulos do “príncipe

deste mundo”.¹⁷ O Mestre dará o Espírito Santo ao Discípulo Amado e a toda comunidade, “para que permaneça sempre” com eles, assim os seus discípulos não ficarão órfãos diante das investidas do mal (cf. Jo 14,18).¹⁸

DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS AO SOPRO DO ESPÍRITO SANTO

No Cenáculo fechado, lugar da última ceia, Jesus Ressuscitado veio ao encontro dos discípulos, “entrou e pôs-se no meio deles. Disse: ‘A paz esteja convosco’”, e soprou sobre eles o dom do Espírito Santo. João é o único evangelista que adotou o termo “soprar” para indicar a ação divina (cf. Jo 20,19-23). Esse termo nos remete à criação da humanidade: “Então o Senhor Deus modelou, com o pó do solo, o homem e soprou-lhe nas narinas o sopro da vida; e o homem tornou-se um ser vivo” (Gn 2,7). Soprando sobre os discípulos, Jesus criou o novo povo de Deus guiado pelo Espírito Santo, o Paráclito, que “vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos tenho dito” (Jo 14,26).

¹⁷ O termo “mundo” aparece 78 vezes no Quarto Evangelho. Pode-se dizer que o termo ora tem um sentido positivo, ora um sentido negativo. No sentido positivo, ele indica o mundo criado por Deus e pode designar também a humanidade (cf. Jo 1,3.9.10; 3,17.19; 6,14; 9,5; 11,27; 13,1; 16,21.28; 17,5.18.24). No sentido negativo, o termo “mundo” aponta para os opostos de Jesus, as forças demoníacas e os que rejeitaram o Filho de Deus (cf. Jo 3,19; 5,16.18; 7,7; 11,45-54; 15,18-25; 17,25). Nem Jesus, nem os discípulos, nem o seu Reino são deste mundo (cf. Jo 17,14.16; 18,36).

¹⁸ O Papa Francisco, meditando essa passagem do Evangelho de João, recorda que o Espírito Santo Paráclito nos prepara, nos unge e nos envia para a missão. Cf. FRANCESCO. *La luce della parola, Il Vangelo di Giovanni letto dal Papa*. Roma: Castelvechi, 2020. p. 122-124.

O Discípulo Amado, e com ele cada um de nós, continua a missão de Jesus ao sopro e à luz do Espírito Santo de Deus.¹⁹ Juntos formamos uma comunidade de testemunhas do Ressuscitado, uma Igreja que nasceu e existe para a missão de continuar a obra do Filho, o Bom Pastor (cf. Jo 10,11), que guarda o rebanho da humanidade e dá o dom do Espírito Santo: “Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados; a quem os retiverdes, lhes serão retidos” (Jo 20,22-23). O evangelista assinala que a missão à luz do Paráclito comporta o perdão dos pecados. O Espírito Santo é a harmonia de Deus que tece e garante a unidade e a comunhão na comunidade “perdoada e perdoadora”.

Desde o sopro do Ressuscitado no Cenáculo de Jerusalém, o Discípulo Amado e toda a Igreja continuam a obra evangelizadora de dar testemunho de Jesus até os “confins da terra” (cf. Jo 15,26-27; At 1,8). É o Espírito Santo quem ilumina e nos impulsiona a prosseguir a obra do “Filho unigênito de Deus, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). À luz do Espírito Santo, a comunidade do Discípulo Amado se transformou em memória viva e original de Jesus Ressuscitado no meio do mundo.²⁰ É uma comunidade com força missionária e caminha ciente de que sem Jesus nada pode ser

¹⁹ O evangelista Lucas narra a vinda do Espírito Santo na festa de Pentecostes, após a Ascensão do Senhor (cf. At 2,1-13). No Evangelho do Discípulo Amado, o dom do Espírito Santo chega mediante o sopro de Jesus no Cenáculo (cf. Jo 20,22-23). O jesuíta Yves Simoens afirma que, no Quarto Evangelho, a Ascensão do Senhor é a missão. Cf. SIMOENS, Y. *Evangelo secondo Giovanni*. Magnano: Qiqajon, 2019. p. 567.

²⁰ Pe. Vanni observava que, no Quarto Evangelho, encontramos três fases referentes ao Espírito Santo: na primeira fase o Espírito é apresentado e prometido, depois ele é doado e, enfim, é o agente ativo da comunidade, a Igreja.